



Leitura e Mediação Pedagógica



Protocolo 58

Colaborador: M.

Pesquisador: Deise

Transcrição

[L. 1] P - Estão aqui hoje M.; L.; Ed.; e Sk.. Então, a gente vai iniciar na página nove. A gente vai ler o primeiro texto, que tem o título "Paratodos". Por favor, S.

Sk - Para todos. O meu pai era paulista / Meu avô, pernambucano / O meu bisavô, mineiro / Meu tataravô, baiano / Meu maestro soberano / Foi Antônio Brasileiro.

P - Vamos dar voz agora para E.

Ed - Foi Antônio Brasileiro / Quem soprou esta toada / Que cobre de redondilhas / Pra seguir minha jornada / E com a vista enevoadas / Ver o inferno e maravilhas.

P - Certo. L.

L - Nessas tortuosas trilhas / A viola me redime / Creia, ilustre cavalheiro / Contra fel, moléstia e crime / Use Dorival Caymmi[3] / Vá de Jackson do Pandeiro.

[L. 11] P - M.

M - Vi cidades, vi dinheiro / Bandoleiros, vi hospícios / Moças feito passarinho / Avoando de edifícios / Fume Ari, cheire Vinícius / Beba Nelson Cavaquinho

P - Então, olha só, vamos ler só essas quatro estrofes e vamos comentar. O que que vocês perceberam na leitura dos colegas que vocês acham que não tá correto?

Ed - Eu vi que cada um tinha uma palavra que tinha dificuldade.

P - E como a gente sabe, por exemplo... L. tropeçou na palavra "moléstia". Por que que a gente sabe que não é "molestia"?

M - Porque tem o acento.

[L. 20] P - Isso. Olha só: "moléstia!" se fosse "molestia" não teria acento. Então é "moléstia". Qual outra palavra vocês se lembram que tem esse acento, no próprio texto?

L - "Edifício" □

P - "Edifício". Que mais?

Sk - "Ofício"

P - "Ofício". Olha que bacana. Qual outra? Tem mais aí. Olhe o nome do maestro dele

M - "Antônio"

P - "Antônio", também, não é?

L - "Bisavô", "Avô".

[L. 29] P - Só que aí, o que que eu vou perceber, L. é que... onde tem esses acentos? Não é na segunda sílaba, que é forte? "Moléstia", "edifício", "ofício", não é? Então eu vou começar a botar na minha cabeça uma regrinha: onde houver... quando a segunda for forte aqui ó, e terminar, como é que ela termina? Duas vogais juntas, não é verdade? Duas vogais juntas que formam um ditongo. Então, aqui eu vou acentuar todas essas palavras. Então, uma primeira regra ... que nós não vamos esquecer mais. Aí, dessas palavras eu vou lembrar de "própria", eu vou lembrar de "história", eu vou lembrar de "secretária". Mas não de "secretaria"

Ed - Você falou de "secretária" ter a diferença do acento, e "secretaria" não.

P - Exatamente. Qual outra palavra que eu posso identificar?

L - "Desperdício"

Sk - "Lésbica"

[L. 40] P - Não, ó, em "lésbica", a primeira sílaba é acentuada. Não tem nada a ver com essa regra aqui, ó.

Sk - "Própria", também

P - Pois é, meu amor. Mas "própria" só tem duas sílabas e a penúltima é a mais forte, né? Quais outras palavras vocês podem me ajudar?

M - "Contrário".

P - Certo. Então, toda vez que vocês virem, tá L.?, já sabem que têm que acentuar, tá bom? Quais outras palavras que vocês tropeçaram aí?

M - Eu tropecei nos nomes

[L. 49] P - Nos nomes, porque você não conhece, não é? S. também tropeçou no título. Qual é o título?

Sk - "Para todos"

P - "Paratodos". Por que que na hora que pensou no título, pensou no título "Para todos"?

Ed - Porque tava junto.

P - Isso. Porque "para todos" como é que tem que ser?

Ed - Separado

P - Separado, não é? Por que que o autor colocou "Paratodos"?

Sk - Sei lá!

[L. 58] P - Porque a linguagem que ele tá utilizando, como não é um texto em prosa, é um texto em verso, ele pode usar isso pra rimar, ele pode construir um neologismo, uma nova palavra pra dar sentido a outra, porque a gente usa muitas metáforas, não é isso? Tá bom? Vamos ver agora a continuação. Continua M.

M - Para um coração mesquinho / Contra a solidão agreste / Luiz Gonzaga é tiro certo / Pixinguinha é incontestado / Tome Noel, Cartola, Orestes / Caetano e João Gilberto.

P - Isso. Vai lá S.

Sk - Viva Erasmo, Ben, Roberto / Gil e Hermeto, palmas para / Todos os instrumentistas / Salve Edu, Bituca Nara / Gal, Bethania, Rita, Clara / Evoé, jovens à vista.

P - Vai E.

Ed - O meu pai era paulista / Meu avô, pernambucano / O meu bisavô, mineiro / Meu tataravô, baiano / Vou na estrada há muitos anos / Sou um artista brasileiro.

[L. 70] P - Isso. Então vejam bem. O que que nós vimos aqui? Fala L.

L - Eu vi uma coisa aqui: "Evoé"

P - "Evoé". É assim que tem que pronunciar, não é? Também não é "Jal" não. Se fosse "Jal" seria com o quê?

L - Jota.

P - Então é com o quê?

M - Gê . "Gal"

P - "Gal". Gal Costa. É um nome próprio.

Sk - Eu vi, você tem razão, a gente tropeça mais nos nomes, porque a gente não conhece.

[L. 79] P - Não conhece, não é? A primeira coisa é isso, e outra coisa, por exemplo, porque a gente não presta atenção em algumas coisas. Lá na segunda estrofe diz assim: foi Antônio Brasileiro quem soprou essa toada... que o quê?

Ed - "Cobre"

P - Que que é "cobre"? Como que eu escrevo "cobre"?

M - Parece que tem vários sentidos pra "cobre"

P - E aqui, como que a gente lê?

M - "Cobri" é de "cobrir"; "cobre" é de material

[L. 87] P - Você fala assim: "Cobre o dinheiro que ele me deve!". Do verbo "cobrar". Mas o que eu tô

dizendo é que "cobri", vem desse verbo, não é? "Cobre" tá no presente, "cobri" tá no passado. Então, esse "i" aí vai me dizer que eu estou usando esse verbo no passado. Então, quando eu digo assim: Foi Antônio Brasileiro quem soprou essa toada que cobri de redondilhas pra seguir minha jornada... Tá vendo? Ele tá contando isso no passado, então, que eu "cobri", no passado, né? Que eu "enchi", não é isso? Outra coisa também, deixa eu ver... que vocês viram aqui. Os nomes, né? Porque são nomes próprios e vocês não conhecem; então fica meio custoso. Agora, eu queria também que vocês pensassem aqui na presença da pontuação. A gente tá trabalhando, aqui, versos. Então, não precisa ficar pondo vírgula em todos os lugares. Por exemplo aqui, ó: Para um coração mesquinho / Contra a solidão agreste / Luiz Gonzaga é tiro certo / Pixinguinha é inconteste / Tome Noel, Cartola, Orestes / Caetano e João Gilberto... Porque eu já ensinei pra vocês que quando a gente tá escrevendo um texto, vai colocando vírgula após mencionar a última pessoa que eu mencionar, não é, E.? Aqui, tá vendo que não tem vírgula depois de Oreste? Porque está em verso. Se fosse em prosa, precisava da vírgula, não podia ficar sem. Se não, eu acho que o cara chama Oreste Caetano, não é, E.? Então, tem que tomar cuidado. Quando eu quero ... os nomes, os substantivos, tanto próprios como comuns, eu tenho que colocar vírgula. Se eu estou dizendo coisas diferentes, eu tenho que colocar vírgula. Eu não faço isso aqui porque eu estou escrevendo em verso e não em prosa, certo? Também, a questão da letra maiúscula. Todos começam com letra maiúscula, tá vendo?

M - Porque é nome de pessoa.

[L. 105] P - Não só porque é nome de pessoa. Porque cada estrofe tem um verso, né? Então, eu digo: "O meu pai era paulista", acabou. "Meu avô, pernambucano", acabou. Eu não tenho o ponto, mas eu tô começando um outro período, em seguida. Fala L.

L - Professora, e também não é todos que é nome próprio. Igual aqui: "Use Dorival Caymmi"

P - Exatamente, meu bem, "use" é um verbo e não um substantivo. Ah, outra coisa, quais palavras que vocês não entenderam aí que vocês tropeçaram?

L - Só nos nomes.

P - Vocês tropeçaram, por exemplo, nesse "moléstia". Que que é moléstia?

M - Moléstia é um trem que dói.

P - Vamos ver aqui no texto? Eu digo assim: Nessas tortuosas trilhas / A viola me redime / Creia, ilustre cavalheiro / Contra fel, moléstia, crime / Use Dorival Caymmi / Vá de Jackson do Pandeiro.

Que que isso aqui? Será que ele tá falando só de doença? "Contra fel, moléstia e crime". Será que é só doença? Pode ser doença, não pode? Mas que que é "molestar" uma pessoa?

M - Abusar.

[L. 119] P - Abusar sexualmente; que mais? Não me moleste, não me aperreie, não me perturbe, não me incomode! Tem vários sentidos. Então você vê, aqui, como a gente tá usando no sentido metafórico, porque é uma poesia e a gente usa a palavra pra significar várias coisas, né? Por exemplo, vocês também têm mais?

L - Não sei "Caymmi"

P - Isso. Por que ele usa "Dorival Caymmi[3]" com esse "número" em cima dele, alguém sabe? Vocês sabem que que é rodapé? Aqui na sala, que que é rodapé?

M - Aqui em baixo...

P - Isso. É isso aí que fica no finalzinho da parede, não é? Então, aqui, fica no final da folha. Olha o que que tá no rodapé, M.

M - 3. Os nomes que aparecem nessa letra de música são de importantes compositores, instrumentistas e cantores de nossa música popular.

[L. 131] P - Isso. Então, quando a gente bota uma nota de rodapé é porque ele não pode explicar isso no texto dele. Então, ele joga lá pro finalzinho, que é a nota de rodapé, pra explicar quem que são essas pessoas. Vocês já ouviram falar em Dorival Caymmi?

Ed - Já.

P - Alguns sabem, outros não. L., por exemplo, não conhece. Você, S., por exemplo, não conhece a

"Gal". Você leu "Jal", né? Se você tivesse lembrado da cantora, você teria falado "Gal, ah a Gal Costa!", não é verdade? Então, é por isso que alguns... já entenderam, né? Que mais? Por que que vocês acham que o título é "Paratodos"?

Sk - Para todas as pessoas.

P - Isso. E o que que esse aspecto aqui, ó, essa imagem pode nos dizer sobre esse texto?

M - Diz que as pessoas vêm de várias culturas. Pode ter, por exemplo, brasileiro, índio, africano...

Ed - Culturas culturais.

[L. 143] P - Exatamente. Mas ele tá falando de vários povos? Ele se refere ao brasileiro. Mas ele tá falando o quê do brasileiro? Como que nós somos constituídos, quais são as nossas raízes?

Sk - É a mistura, a miscigenação brasileira. Tá falando da vida dele. O pai dele era paulista, e cada coisa como essa.

P - Isso. Então, ele tá falando "para todos", essa miscigenação de culturas, de povos. Que mais, meus amores, que vocês viram aqui, ó? Vamos lá na sexta estrofe: Viva Erasmo, Ben, Roberto / Gil e Hermeto, palmas para / Todos os instrumentistas / Salve Edu, Bituca, Nara / Gal, Bethânia, Rita, Clara / Evoé, jovens à vista. Que que é isso "jovens à vista" ? "À vista"? Quando é que a gente usa?

M - "Hasta la vista, baby!".

P - "Hasta la vista", , em espanhol, quando tá despedindo da pessoa.

L - "Terra à vista".

P - "Terra à vista", o que que é isso?

L - É quando ele vê uma terra num lugar.

[L. 156] P - Isso. Existe alguma coisa que a gente vai mostrar, não é? Uma coisa que já está no lugar. Por que que você acha que ele coloca "jovens à vista"? Por que vocês acham que, por exemplo, quando ele cita Dorival Caymmi, Ary Barroso, Vinícius de Moraes ...

M - Porque eles são jovens?!

P - Olha só: Ary Barroso, Nelson Cavaquinho, Cartola, Noel Rosa, Pixinguinha, como que eles são? Jovens?

M - São.

[L. 163] P - Não. Quem que é mais jovem do que eles? Roberto Carlos, Gilberto Gil, Dorival Caymmi, também, mas, assim, muito mais tá se referindo ao Erasmo, ao Jorge Ben, ao Gilberto Gil, à Betânia, à Rita Lee, à Clara Nunes, né? Quer dizer então "jovens à vista", quer dizer que eles ainda iam fazer sucesso. Ele tá contando de pessoas que eram mais antigas e "jovens à vista", que eles vão ser novos artistas que vão destacar, não é verdade? Viu o jogo de palavras "terra à vista" com "jovens à vista"? Depois, por que ele fala assim na última estrofe?: O meu pai era paulista / Meu avô, pernambucano / O meu bisavô, mineiro / Meu tataravô, baiano / Vou na estrada há muitos anos / Sou um artista brasileiro... Que que ele quis dizer com isso " vou na estrada há muitos anos"?

L - Que ele já é um artista, que ele foi em vários lugares pesquisar. É um artista brasileiro.

P - Isso. Tá vendo a relação que tem nesse também "vou na estrada há muitos anos"? Porque, olha só, quem que ele cita? Ele cita os jovens...

Ed - As pessoas que ele também já pode ter conhecido.

P - Isso. Não só no país, porque "nessa estrada" será que é de viagem mesmo? Será que é o sentido real?

L - Não. É o sentido figurado.

P - Figurado. Sentido metafórico, não é L.? Porque, assim: "nossa, eu tô nessa estrada há anos!" quer dizer...

L - Tipo "dormi no ponto"?

[L. 180] P - Isso. Certo? Então, aqui ele tá dizendo, não é L., que ele citou pessoas bem antigas.

Primeiro ele citou Dorival Caymmi, depois ele citou Noel Rosa, depois ele citou Betânia... Quer dizer que ele vem nessa estrada, nessa profissão há muitos anos. Certinho? Tem alguma palavra, alguma coisa que vocês querem perguntar? Fala M.

M - Mas tá assim, professora, lá: "1. Paratodos foi também o nome de uma revista cultural ilustrada, publicada no Rio de Janeiro nos anos 1920, que, depois, passou a circular como um jornal quinzenal com o nome de Quinzenário da Cultura Brasileira.

P - Muito bem M.! Que que o M. identificou?

M - Ah, eu identifiquei que "Paratodos" foi o título de uma revista.

P - Então, quer dizer que ele tá utilizando esse título. Ele não inventou, né? Ele pegou a ideia de uma coisa que já existia.

Ed - Tem uns programas aí, que têm na net, que eu gosto muito de ver, que chama "Para todos" também, e eu gosto de ver e a abertura é a música dele.

P - Que bacana, tá vendo? Olha o tanto de informação que a gente tem. Tá vendo como a leitura que a gente faz não é só a leitura que tá no texto? No rodapé a gente tem informação, na imagem a gente tem informação, aquilo que a gente vivencia na casa da gente também nos dá informação igual E. tá falando. Não é bacana?

L - Demais!

Sk - É...

M - Professora, tão chamando; e eu o E. temos o Projeto de Xadrez.

[L. 200] P - Ok. Então, tá bom. Tchau.

Observações:

Análise Local

Análise Comparativa
